

In V SOLAR. América Latina e Caribe e os Desafios da Nova Ordem Mundial, vol. I. São Paulo: PROLAM-USP, 1998. PP. 204-209.

A FESTA COMEMORATIVA NA AMERICA LATINA: O CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA NA COLÔMBIA E NO BRASIL

Gerson G. Ledezma Meneses¹

Na América Latina muitas elites têm usado as festas como mecanismo para criar outros tempos que, às vezes, não correspondem ao tempo real. Um exemplo claro são as comemorações do Primeiro Centenário da Independência. Podemos analisar então como, durante as celebrações, as elites no poder político voaram ao passado ou ao futuro de acordo com a sua mentalidade e experiência histórica. Nas duas primeiras décadas do século XX viviam momentos de transição, bem seja de sociedades patricias à sociedades burguesas, de sociedades burguesas à sociedades masificadas, o de sociedades patricias à sociedades fidalgas, tal como as chamou José Luis Romero.

Para poder abordar o problema na Colômbia, é preciso, em primeiro lugar, dar uma olhada no contexto social e político-econômico no qual se encontra inscrito o período do Centenário da Independência, 1910: depois de uma época super-agitada, envolvida em muitas guerras civis durante quase todo o século XIX, o país foi encontrando calma no programa regenerador de Rafael Núñez e Miguel Antonio Caro, depois de posto em marcha, a partir de 1886. A nova carta conservadora queria pôr freio, de uma vez por todas, às liberdades, que segundo os reformadores eram as culpáveis do muito sangue colocado pelos colombianos. A *Regeneración* se propôs então centralizar o país em nome de uma só constituição, um só exército, e um mesmo poder legislativo e

¹ Mestre em História Andina pela Universidad del Valle, Cali, Colômbia e doutorando em História Social e das Idéias da Universidade de Brasília.

executivo, e como diz Salomón Kalmanovitz “A unificação nacional foi um projeto conservador e se fez a força de limitar as liberdades individuais e políticas da população”².

Embora seja certo que o que a historiografia tem chamado com o nome da *Hegemonía Conservadora* (1886-1930), atravessa por um período relativamente tranqüilo ou de estabilidade política, com exceção da guerra dos *Mil Días* (1899-1902), também se deve anotar que a nível das elites locais as novas políticas colocadas em marcha desde o centro fortaleceram as rivalidades que desde anos anteriores a 1886 se vinham gestando.

Sem dúvida, a nível nacional as elites exportadoras de café lograram durante a *Hegemonía Conservadora* avanços significativos, ainda mais depois da mencionada guerra; guerra na qual os exportadores liberais conseguiram obter muitas vantagens que os conservadores no poder não permitiam para eles³. O período que vai desde 1900 até 1929 é considerado de expansão da fronteira exportadora e crescimento econômico em geral pois, “A centralização política se traduz em todo tipo de apoio à expansão exportadora do café (...) e isto causou um impacto progressivo no desenvolvimento capitalista que atingiu mais regiões da estrutura social”⁴.

Uma das causas das guerras civis dos novecentos que a Constituição corrigiu foi as muitas hegemonias tidas pelas elites regionais, e uma das formas de correção do problema foi a divisão daqueles vastos territórios, como o *Cauca Grande*, que abarcava metade da Colômbia, pois os limites se estendiam desde Panamá até a Venezuela, fazendo fronteira com o Equador, o Peru e o Brasil. Aquela hegemonia exercida sobre esta região tinha dado às elites de

² Salomón Kalmanovitz, *Economía y Nación*, Bogotá: Siglo XXI e UN, 1989. p. 173.

³ Sobre a guerra dos *Mil Días* o leitor pode consultar a Charles Bergquist, *Café y Conflicto en Colombia, 1886-1910. La Guerra de los Mil Días: Sus Antecedentes y Consecuencias*, Medellín: FAES., Biblioteca Colombiana de Ciencias Sociales, 1981.

⁴ Salomón Kalmanovitz, *op. cit.* p. 175.

Popayán não só o exercício geo-político, senão o manejo de milhares de peões indígenas, os quais foram mobilizados ao longo do país a favor dos seus chefes moradores na capital do *Cauca Grande*. Desde onde começavam a marcha até o norte para chegar ao centro e tomar-se Bogotá. Com as medidas do General Rafael Reyes, presidente da Colômbia na primeira década do século XX, o *Cauca Grande* ficou dividido em muitos departamentos, o que significou um melhoramento econômico sobre regiões em vias de desenvolvimento, as quais sentiam que as elites de Popayán colocavam entraves ao seu avanço. Isto o manifestaram as elites do norte do *Cauca Grande*, hoje departamento do *Valle del Cauca*, e as do sul, no atual departamento de *Nariño*. O que aumentou as rivalidades destas famílias, pois em quanto as de Popayán queriam continuar gozando das vantagens e da hegemonia, as outras desejavam independência da antiga capital.

A verdade é que as distintas cidades do sudoeste colombiano viram chegar o Primeiro Centenário da Independência entre rivalidades e brigas, crises e desenvolvimento econômico. Uma elite cheia de medo e quase no desespero, outras fazendo gala de modernização, com o qual não importou para elas as medidas tomadas no centro, mas que não atingissem os seus interesses. Isto seria refletido e vivenciado no centenário, através da festa cívica e comemorativa. Embora a crise e o medo tivessem chegado sobre a elite de Popayán, ela tratou de demonstrar que se não correram com sorte, e se o capitalismo não era tão próspero como nas cidades do norte, ali tinham algo ainda mais importante para mostrar: PASSADO.

A classe Alta de Popayán, ao dar-se conta que era impossível voltar aos antigos limites e por conseguinte às vantagens políticas e econômicas, teve que encontrar uma situação onde pudesse sair da crise. Ao ver que o único que ainda possuía era passado brilhante, cheio de heróis e batalhas, voltou para o

passado, e através das festas do Centenário da Independência viveu de novo a grandeza pretérita. Isto aconteceu, não apenas durante o ano de 1910, senão durante 12 anos de comemoração; não esqueçamos que as guerras da independência na América latina, e especialmente na Colômbia duraram desde 1810 até 1822.

Importou para eles lembrar e celebrar não apenas a Batalha de Boyacá, na qual Simón Bolívar acabou dando o golpe de graça ao pacificador Morillo, senão todas e cada uma das guerras levadas a cabo pelos próprios heróis popayanejos, nas terras caucanas. Resgatou quanta glória havia obtido no século XIX e durante o período colonial, onde gozaram de renome social, pois foram os donos dos melhores centros de mineração. Sobrenomes, escudos, espadas, árvores genealógicas, e demais objetos que os identificassem como uma das elites mais importantes da América Latina, foram limpados e postos à vista de amigos, familiares e visitantes, ainda melhor se fossem conhecidos de todos os colombianos. Principalmente a festa comemorativa serviu para de novo fazer aparição e desfilar pelo médio da elite todos os heróis, grandes e pequenos, os que fizeram parte das lutas de emancipação e os que lutaram durante as guerras civis até finalizar os novecentos.

Popayán e a sua aristocracia imbuíram-se de cheio no pretérito e esqueceram-se do presente. Inventaram um passado brilhante, glorioso, o qual ajudou-lhes a navegar com orgulho durante o século XX, com o rosto levantado. Demonstrando-lhe às cidades do norte, que eles possuíam rânchos sobrenomes e demasiados heróis que haviam dado renome à região e a todo país. Do século XIX não só trouxeram heróis e batalhas, senão os limites do outrora *Cauca Grande*. Através dos desfiles nas ruas, e em forma alegórica enfeitaram homens e mulheres que representavam as velhas províncias daquela grande extensão. Preferiram ficar no passado, pois o presente trouxe-lhes dor,

era para eles o culpável da crise e desse passado não quiseram saber quase nada. Voltar ao passado era o melhor, pois tinham todos os ingredientes necessários para poder ficar lá⁵.

Por outra parte, em quanto isto acontecia ao sul do antigo Cauca, as cidades do norte, especialmente Cali, estava preocupada com a modernização da sua região, esperando que a linha ferroviária fizesse aparição desde o porto de Buenaventura, abrindo a possibilidade de se inserir pelo processo capitalista mundial. Seria para 1915 quando esses sonhos se fizeram realidade, pois efetivamente o trem foi inaugurado em 1915. Nesta data chegou a cidade de Cali. Em 1910, a classe alta caleña não passou inadvertida a data do centenário da Independência, mas na realidade não deram maior importância ao acontecimento. Mandaram fazer e colocar alguns bustos dos heróis mais importantes; sem embargo a festa não passou sem maiores conseqüências, e não se prolongou além do 20 de Julho de 1910, data por meio da qual comemoraram *el grito de la independencia*. Os calenhos deram-lhe muita importância à exposição industrial do açúcar que o engenho *Manuelita* fez como parte do programa do Centenário.

A exposição gozou de muita acolhida entre os membros da classe industrial valhuna (do *Valle del Cauca*, cuja capital é Cali), onde se expuseram artigos derivados da cana-de-açúcar, artigos de couro, sapatos, ferramentas, animais como gado e cavalos, etc. A dita exposição abria as portas ao século XX cheio de esperanças e propostas econômicas. Foram feitas publicações que deram fé do desenvolvimento da região. Cali queria desfazer-se de uma vez e para sempre, da imagem de cidade de segunda, pois Popayán sempre quis

⁵ Acerca da celebração do Primeiro Centenário da Independência em Popayán, consultar a minha tese de mestrado em História Andina: Clase Alta de Popayán, 1886-1940: Miedo, Crisis y Pasado, Cali, Universidad del Valle, 1995.

impor-se; para conseguir os seus propósitos não importou aos calenhos trazer o moderno, embora estivera longe da realidade⁶.

A celebração do Primeiro Centenário da Independência no sudoeste colombiano deixa ver claramente como, em quanto as políticas nacionais tentam normalizar o país e dar-lhe força à nova constituição política a custa de qualquer coisa, como foi a divisão do antigo Cauca, as elites locais viveram e fizeram frente a sua situação e às novas reformas, de acordo com seu próprio devir histórico, e as atingiu na medida como nesse momento concebiam o presente. Ao redor de cada uma destas circunstâncias se encontraram com a data do Centenário, o qual deu conta da realidade e da irrealidade dos seus pensamentos, sentimentos, esperanças e medos. Umas então fugiram ao passado, e outras como Cali, pelo desejo de se integrar com mais força ao capitalismo, não importou-lhe a realidade e se enfrentaram ao futuro.

Na capital da República, Bogotá, o 31 de março de 1910, através da resolução No. 98, o Ministro de Instrução Pública, mandou fazer uma subscrição entre as escolas públicas e privadas para colheitar fundos para a elaboração da estátua de Policarpa Salavarrieta, heroína da independência nacional. Isto pelo estado ruim do tesouro, o que impediu a ereção de todas as esculturas que a data exigia⁷. Por meio da lei No. 18 de 1910 (12 de Julho), se declarou de férias nacionais os dias 18, 19, 21, 22 e 23 de julho desse ano, durante os quais se fizeram os desfiles necessários e se efetuaram missas.

O Presidente da República se dirigiu aos colombianos na Praça de Bolívar, e através da imprensa. No seu discurso não deixou de evocar a memória dos heróis e a magna batalha de Boyacá⁸. O discurso do presidente

⁶ Acerca da celebração do Primeiro Centenário da Independência em Cali pode-se consultar a Lenín Florez, "Imágenes de Modernización y Modernidad en el Valle del Cauca", *in*: Historia del Gran Cauca, No. 10. Uma publicação da Universidad del Valle e o Jornal Occidente, Cali, 1994.

⁷ Diário Oficial, Bogotá, 1 de Julho de 1910. p. 3.

⁸ Diário Oficial, Bogotá, 14 de Julho de 1910. p. 61.

Ramón Gonzalez Valencia deixou simplesmente claro que na Colômbia de princípio do século XX, não se podia esquecer o papel dos heróis na configuração do pensamento das elites governantes, e o papel das academias de História seria o de fazer com que o povo e os filhos das elites não os esquecessem, e pelo contrário criariam as imagens do passado cheio de heróis, datas, batalhas e acontecimentos distintos, o que ajudaria a consolidar aos dois partidos políticos tradicionais no poder, também durante o novo século. História Pátria e política continuarão a marcha por muito tempo ainda.

O estudo referido sobre a classe alta de Popayán, deixa mais ou menos claro que este tipo de comemorações se usa para demonstrar poder simbólico ante outras elites, e não apenas frente a classes subalternas. Isto-como já se falou antes-porque no momento da divisão do *Cauca Grande*, as cidades mais interessadas em levar a cabo aquele processo foram as de Buga, Cali e Pasto principalmente, deixando a aristocracia popayaneja sozinha no propósito de reconquistar a antiga grandeza geográfica. O que fortaleceu o estado de rivalidade entre estas cidades.

No caso da celebração do Primeiro Centenário da Independência no Rio de Janeiro, a Grande Exposição Universal deu a oportunidade ao presidente Epitácio Pessoa e a elite governante em geral de demonstrar seu poder e desenvolvimento obtido em cem anos de independência, perante milhares de pessoas e nações poderosas vindas de tudo o mundo. Através da festa puderam tentar enfrentar o presente e inserir-se, mais no futuro do que no passado a diferença do que fez Popayán, pois muito da civilização e industrialização que queriam mostrar estava no futuro e no seu imaginário, mais do que no presente ou na realidade. Foi a grande oportunidade de fazer gala de civilização, progresso e de essa brancura que as elites vinham querendo consolidar desde o começo do Império, e mais precisamente desde a fundação da República. Mas

por outra parte sabiam que era impossível esconder a realidade, pelo menos ante os brasileiros.

Necessitavam compartilhar com as grandes potências às quais admiravam e se pretendia igualar em termos político-econômicos, e goçar com estas a felicidade de ser respeitados, admirados e temidos. Sentir-se grande entre os grandes era o maior desejo de muitas elites locais, regionais e do país.

Aquele desejo pode ser feito realidade, aproveitando a celebração do Primeiro Centenário da Independência em 1922. Deviam tentar concretar a tradição de país civilizado e moderno e legitimá-la quanto antes, pois outras forças lutavam por apoderar-se do que os republicanos tinha custado muito a conquistar: o poder e o privilégio. Ainda mais quando tinha chegado o momento em que os intelectuais estavam comparando a República com o Império, e o último ganhava força, opacando ao novo regime⁹.

Na medida que abriam as suas mentes para um futuro envolvido na civilização e no progresso, ao calor da celebração, não podiam apagar o passado e a instabilidade política evidenciada com maior força nesse período da segunda década do século XX. Lembre-se que 1922 “foi um ano de eleição na débil República brasileira, e o governo do presidente Epitácio Pessoa se sentia ameaçado pelos intensos conflitos regionais e por rebeliões militares”, encontrando na exposição “alívio para os seus problemas políticos e um meio para demonstrar vitalidade política e econômica. Para Epitácio Pessoa, a exposição foi também um meio de fortalecer a centralização do poder num contexto de conflitos regionais”¹⁰. Não era fácil esquecer que o que tinham conseguido foi feito durante os anteriores cem anos. Aí então o presente e o

⁹ Teresa M. Malatian, “O Retorno do César Caricato”. *In*: Jogos da Política. Imagens, Representações e Práticas, Maria Stella Brenciani, Eni de Mesquita Samara, Ida Lewkowitz (org.). São Paulo: AMPUH, Marco Zero, 1992. p. 173.

¹⁰ Mauricio Tenorio, “Um CUAUTHÉMOC CARIOCA. Comemorando o Centenário da Independência do Brasil e a raça cósmica”, *in* : Estudos Históricos, Vol. 7, No. 14, Rio de Janeiro: 8 de Setembro de 1994. p. 4.

futuro não podiam destruir o passado facilmente. E sem dúvida o Império havia colaborado naquele êxito. As elites no poder tinham estudado nas suas escolas e facultades, aprenderam o Direito imperial em Minas Gerais e principalmente em São Paulo. Porém não era tão fácil derrubar o passado como a simples vista parece, quando a prefeitura do Rio de Janeiro destrói o Morro de Castelo. O estudo do Centenário no Brasil tem que prestar atenção às contradições vividas nessa época de festa e comemoração¹¹.

A festa então se constituía na esperança de poder conjurar o mal, deixar atrás os temores e olhar para o futuro, uma vez se fizera um balanço do passado¹²; com a certeza de encontrar-se, de uma vez por todas, com o progresso. Fechar uma velha etapa e abrir o telão a uma nova? Não. Era preciso assumir o passado e a realidade presente. Como? através da festa e uma vez realizado este processo, então sim poderiam sonhar com o futuro e dar cabida aos imaginários que ajudariam na construção do futuro brasileiro; conjurando a esperança e o medo, o passado, o presente e o futuro. Porém, era indispensável que o mundo conhecesse o Brasil cheio de vantagens e privilégios, mas tiveram que também correr o risco de ter que mostrar um pouco da sua crua realidade. Mas não importava, porque a festa se convertia em mediadora entre realidade, o sonho, a irreabilidade, os imaginários... E de verdade que desde o primeiro momento o impacto que muitos dos visitantes se levaram foi positivo. Na inauguração da Exposição Universal, e num banquete oferecido pelo presidente do Brasil, Monsenhor Cherubini, delegado da Santa

¹¹ No sentido de ver às elites preocupadas com a modernização ao redor da derrubada do Morro de Castelo, durante os anos anteriores a 1922 e neste ano, o leitor pode consultar a Maria de Fátima Duarte Tavares, *Do Castelo ao Vale das Luzes. Cultura e Renovação Urbana - Rio de Janeiro, 1920-22*, Brasília: UnB, tese de Mestrado, 1994.

¹² Sobre a maneira como a intelectualidade brasileira dos anos 20 fez o balanço do passado, do presente e as reflexões do futuro ao redor do Centenário, pode-se consultar a Marly Silva da Mota, *A Nação Faz 100 Anos: A Questão Nacional no Centenário da Independência*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getulio Vargas-CPDOC, 1992.

Sé, demonstrou surpresa e lembrou o prodígio do país sul-americano por ter chegado a seus destinos gloriosos: “...deste povo que chegou à adolescência sem passar pela infância”¹³.

Os organizadores da festa convidaram muitos países, entre os quais, os mais representativos do cenário mundial. Fariam ver que, embora apenas há cem anos da independência, hoje, 1922, ocupavam um sítio importante no nível mundial. “O Brasil já é hoje o décimo país do mundo em população, e está entre os vinte de maior comércio do mundo”¹⁴. Assim pois, podia contar-se entre os melhores do mundo: os Estados Unidos, a Inglaterra e a França. O presidente Epitácio Pessoa assegurava que:

A exposição do Centenário, atuando como ímã sobre os corações de todos aqueles que cultuaram a civilização. Onde quer que ela resplandeça, vai concentrar no seio desta flor estremecida do Atlântico que é o Rio de Janeiro, uma multidão de visitantes, nações e estrangeiros, ansiosos por contemplar as riquezas, os progressos, e as maravilhas que lhes pretendemos facilitar¹⁵.

Fizeram ver que se em 1893 as potências mundiais encabeçadas pelos Estados Unidos, quando realizaram a sua grande Exposição Universal de Chicago, molestaram-se profundamente pela idéia de fazer uma exposição na América Latina, Brasil conseguiu fazê-lo só 29 anos depois, no entanto em 1893 esta era a opinião: “Exposições lá em baixo! deixem disso. Lá por 1992, poderão esses amigos pensar em ter sua exposição”¹⁶. Os ali presentes podiam

¹³ “A Recepção no Palácio do Cattete”, O Paiz, Rio de Janeiro, 8 de Setembro de 1922, p. 4.

¹⁴ “O Comércio do Brasil ao Tempo da Independência”, Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 7 de Setembro de 1922, p. 14.

¹⁵ O Paiz, Rio de Janeiro, 8 de Setembro de 1922, p. 4.

¹⁶ É um texto do Jornal Sun, citado por Jaime de Almeida, “A Exposição Universal Columbiana, Chicago, 1893”, in: Sandra Maria Lubisco e Albene Menezes (org.), Anais do Simpósio O Cone Sul no Contexto Internacional, Porto Alegre, Edipucrs, 1995, p. 148.

verificar que, efetivamente, aqui não só eram plantadores de café e criadores de rebanhos¹⁷, senão uma potência industrial.

Os desfiles, a exposição, as construções, as luzes, enfim...., a festa e toda a luta pelo embelezamento da cidade ajudaram a mostrara a grandeza e a civilização pretendidas e deixar ver pelos menos em parte as muitas contradições econômicas, culturais e especialmente políticas vividas pelos republicanos na aquela época. Quem convida a compartilhar à mesa a três milhões de visitantes corre o risco de que estes percivam o bom e o ruim da casa. Mas a maior intenção das elites era que seus convidados ficassem convencidos de que o Brasil era a terra prometida.

¹⁷ Esta discussão pode-se ver em: “O Centenário e os estrangeiros”, O Paiz, 11 de Maio de 1922. p. 3.